

# Videofono

## A ALMA E A GENTE

### “A RAMA DO CASTANHEIRO”

#### TEXTO

Senhores telespectadores, vimos hoje visitar uma das regiões de maior beleza que existem em Portugal, o concelho do Fundão. Esta palavra “Fundão”, “Fundão” é assim uma palavra que não soa bem, “Fundão”, “Fundão” não ajuda muito a terra, porque, a terra é bonita, é progressiva, é forte, mas fundão quer dizer que está lá no fundo e está. Olhem, vêm aqui uma grande depressão, e bem no fundo há uma cidade, essa cidade é a cidade do Fundão, a cidade do Fundão porque está no fundo numa cova, e essa cova chama-se Cova da Beira. Cova da Beira é um grande vale que fica entre as Serras da Estrela e Gardunha. Eu estou-lhes a falar na Serra da Gardunha, estou aqui por cima de Alcongosta, na Serra da Gardunha e vêm lá trás já por cima das nuvens a Serra de Estrela. Bom, esta enorme depressão que é em parte cavada pelo Rio Zêzere, corre ali o rio Zêzere, isso é que é a Cova da Beira. Bom, e a povoação mais importante da Cova da Beira é sem dúvida nenhuma a cidade do Fundão. Com razão, a cidade do Fundão se considera a Capital da Cova da Beira. É claro o concelho do Fundão é até maior do que a Cova da Beira porque tem pedaços, para lá da Gardunha, nas grandes planuras do sul ainda tem freguesias, também naquele lado que é já para o pinhal também tem freguesias, aqui na Cova da Beira tem nem mais menos que 11 fre, elas ao todo, as freguesias deste concelho são 31, imaginem se eu podia ir a todas, 31. O Concelho tem 700 quilómetros quadrados, portanto é um dos maiores concelhos do país, mas não julguem que são daqueles quilómetros, às vezes há lá para baixo uns, uns, uns concelhos muito grandes e a gente pergunta “então e quantos habitantes tem?”, depois faz a conta e dá ai dois ou três por quilómetro. Bom, olhem aqui bem perto o concelho da Idanha é maior que este, mas tem dois por quilómetro, dois, não é nada, não, aqui não é assim. Isto tem 700 quilómetros carregados de gente, 50 habitantes por quilómetro, pelo menos, 31 freguesias, todas elas fortes, vigorosas, activas, tudo isto são realmente pulmões de vida. Aqui propriamente na Cova da Beira as 11 freguesias, eu começo pela primeira, como, com, toda a gente tem uma primeira, para mim a primeira, por acaso é a mais pequenina de todas, é a freguesia das Donas. Eu, ainda, eu não passo, nunca venho aqui que não vá às Donas, daqui a bocadinho vamos lá. Depois há o Alcaide, vê-se além o Alcaide, o Alcaide era a terra do João Franco, famosa. Depois Alcongosta onde eu estou. Alcongosta tornou-se famosa em Portugal por causa das cerejas, começam agora a colher-se as cerejas. Este ano não foi assim um ano muito bom para a cereja, portanto atrasou um bocadinho, mas quem venha aqui na altura da flor da cereja isto é realmente deslumbrante, deslumbrante. Isto é uma imagem já de há tempos, agora já estão a colher a cereja. Depois a Capinha, a Capinha que era a antiga Talabarda. Depois os Enxames, os Enxames têm a romaria da Senhora do Fastio, quem tiver fastio, quer dizer quem não tiver vontade de comer vá lá aos Enxames porque isso passa. E o Escarigo que já faz parte dos três povos. E Peroviseu, aqui até dizem Provisiu, mas é Peroviseu, a Provisiu com as suas ferrarias, minas, minas de ferro que são exploradas desde a época romana. E o Salgueiro que também é dos três povos, e é cheio de carácter. Então e o Souto da Casa, o Souto da Casa. Olhem os meus bisavós que eram ferreiros, eram gente do Souto da Casa. E o Telhado, o Telhado com os

oleiros que fazem os púcaros, fazem os assadores de castanhas de barro, podem querer, castanhas assadas em assadores do Telhado são melhores do que quaisquer outras. Tudo isso aqui na Cova da Beira. Claro a zona do pinhal também tem terras engraçadas, eu conheço-as menos bem, vou para lá, é longe, mas é a Barroca, com a Casa Grande, as Bogas de Baixo e as Bogas de Cima, onde ainda, ainda se cultiva e se tece o Linho, ainda há toalhas e lençóis de alvo linho. Então e o Castelejo “Senhora Santa Luzia, vizinha do Castelejo, dá-me luz para os meus olhos, sou ceguinho e não vos vejo!”. E Janeiro de Cima, é uma linda, uma aldeia linda de xisto, toda, está acabada, está conservada, e Lavacolhos, com os bombos, pum, pum, eu já vi quando eu era novo, eles batiam no bombo até saltar o sangue das mãos. E Silvares, é vila, vila, uma terra importante, cheia de força, Silvares, ficam lá as minas de Volfrâmio. As Minas da Panasqueira que, onde se tirou imenso Volfrâmio no tempo da Guerra. Bom, depois para além da Serra da Gardunha fica Alpedrinha, a linda, a aristocrática Alpedrinha, a Alpedrinha a fidalga, a minha Alpedrinha “Capital do bem-haja”. Então e logo junto Vale de Prazeres, Vale de Prazeres é a terra das primícias, ainda aqui as hortas não deram fruto e já de Vale de Prazeres vêm as primeiras favas, as primeiras ervilhas, os primeiros grelos. E Castelo Novo, há lá na Beira terra mais bonita do que Castelo Novo? Com os seus edifícios medievais e o seu foral de 1202, das terras, era na fronteira, terra sangrenta, onde se lutou com os mouros, lá está tudo isso. E a Mata da Rainha, Mata da Rainha já vizinha de Penamacor. E depois a Orca, a Orca, lembro-me tão bem da Orca, era lá padre, o Padre Mourão, um homem muito inteligente, que já morreu, com quem eu tinha longas conversas. E a Póvoa da Atalaia, a Póvoa da Atalaia terra do grande poeta Eugénio de Andrade, e a Soalheira!? O queijo da Soalheira, aquele queijo queimoso, o queijo queimoso é só para gente forte, mas provem um dia o queijo queimoso da Soalheira. Tudo isso, em cada aldeia aqui há um motivo de atracção. Eu tinha razões para ir a todas as 31, infelizmente só tenho 25 minutos. Em todo o caso não queria deixar de ir pelo menos a uma, que é a minha, é aquela que eu trago no coração, vamos até às Donas.

Sempre que venho à Beira Baixa visito este lugar. E aqui lembra-me sempre um poema do poeta Eugénio de Andrade, Eugénio de Andrade que é daqui, que é daqui, e que fez um poema lindo, que é “a pequena elegia de Setembro”. O poeta já perdeu a mãe, a mãe dele já não é deste mundo, mas ele recorda-a, recorda-a emoldurada na saudade, recorda-a e pensa: “não sei como vieste, mas deve haver um caminho para regressar da morte, estás sentada no jardim, as mãos no regaço cheias de doçura, os olhos pousados nas últimas rosas dos grandes e calmos dias de Setembro. Que música escutas tão atentamente que nem dás por mim? Que bosque, ou rio, ou mar? Ou é dentro de ti que tudo canta ainda? Queria falar contigo, dizer-te apenas que estou aqui, mas tenho medo, medo que toda a música cesse e tu não possas mais olhar as rosas. Medo de quebrar o fio que tece os dias sem memória. Com que palavras ou beijos, ou lágrimas se acordam os mortos sem os ferir, sem os trazer a esta espuma negra onde corpos e corpos se repetem, parcimoniosamente, no meio de sombras? Deixa-te estar assim, ó cheia de doçura, sentada, olhando as rosas, e tão alheia que nem dás por mim”.

Por cima da aldeia das Donas fica um grande monte, redondo, que é o Monte de S. Roque. Eu estou agora no alto do Monte de S. Roque e justamente no sítio onde passava uma das muralhas dum castro, um castro Pré-histórico. De fotografia aérea vê-se nitidamente as duas muralhas que protegiam um povoado nativo. Era altura do bronze final, portanto época dos metais. Aliás aqui são muito numerosos os castros Pré-Históricos. Eu daqui avisto o castro para além, o Castro da Tapada das Argolas. Fica na Capinha, ali o Vale Feitoso e a Cabeça Gorda ali junto de Peroviseu, que é uma região de ferro, de

minérios. Mais para além o Cabeço da Argemela, esse com vestígios muito opulentos. Depois o Cabeço de S. Brás, ainda se vêem as muralhas. Quer dizer, populações acumularam-se aqui, mas aqui em S. Roque há uma coisa notável é que apareceram e estão lá em baixo no Museu, utensílios de pedra lascada, de pedra quebrada, portanto do Paleolítico. Bom, e isso Paleolítico quer dizer cerca de 250 mil anos, 250 mil anos, do Paleolítico ao Neolítico há uma grande distância, uma grande distância, claro. Aquelas pedras que estão no Museu podem ter 250 mil anos e já foram partidas pelo homem para servirem de instrumentos cortantes, é o mais antigo vestígio do povoamento aqui na Beira. Depois os outros povos vieram-se juntando e a seguir vieram os romanos, porque a região é extremamente rica em metais, extremamente, o ferro, o cobre, o chumbo, não sei até se antigamente o ouro e a prata, não sei, mas os metais atraíram para aqui povoações para o resgates dos metais, depois os colonizadores romanos, os prospectores de metal recolhiam tudo isso e isso está na origem da extraordinária riqueza arqueológica desta Cova da Beira. Essa riqueza tem sido descoberta, posta a, posta a claro, ultimamente, nos últimos anos, com uma acção que só merece elogios, e isso permitiu até abrir aqui um Museu Arqueológico. O Museu Arqueológico era um velho sonho dum grande amigo meu, o Dr. José Alves Monteiro, que esse, preocupava-se sobretudo por antiguidades romanas, e encontrou imensas coisas romanas e teve o sonho de fazer um Museu, mas morreu, morreu em 1980, ainda o conheci muito bem, ele vinha sempre aqui passar as férias, era em Lisboa Director da Policia Judiciária, mas todo o seu tempo livre era para vir para aqui e andar ai a procurar, e fez imensos achados de coisas romanas, e pretendia fazer um museu de coisas romanas. Morreu sem ver realizado esse sonho mas agora já, já este ano abriram aqui um Museu Arqueológico que vamos ver.

O Museu é notável, tanto pelo conteúdo, pelo que tem cá dentro, como principalmente pela maneira como as peças são explicadas, nos museus geralmente mostram-se as coisas, mas a pessoa que não estiver dentro do assunto fica sem saber o que são. Aqui não, cada vitrine está acompanhada duma legenda, aqui por exemplo diz “arte rupestre, esquemática à simbólica”, e depois uma imagem dum caso em que apareceram peças de arte rupestre e a explicação completa. Aqui por exemplo diz “proto-história, Idade do Bronze” e cá estão, olhem estas peças vieram lá do tal Monte de S. Roque onde estivemos à bocadinha. Todas as vitrinas têm o título do que é, e depois a explicação para a pessoa compreender bem o que foi.

A existência dum Museu local é extremamente importante por uma razão, é que só assim é que evita que as peças que vão sendo encontradas saiam. Apareceu aqui muita coisa, antigamente, foi tudo para Lisboa, para o Museu Arqueológico de Lisboa. Ora bem, agora há pouco tempo, ali nas Donas, onde estivemos à momentos, uma casa velha, derrubou, estava tão velha que caiu. Pois bem nas paredes, entre o material das paredes aparece esta estátua, é uma estátua da Idade do Bronze, é um homem, vê-se claramente a cabeça, o tronco. Isto significa que na Idade do Bronze não só havia o castro em cima em S. Roque, como já lá em baixo, na aldeia, havia ocupação humana. A parte romana aqui é muito curiosa.

Este enorme vaso que estão aqui a ver apareceu num sítio que hoje se chama a torre dos namorados, que é já ali na freguesia de Vale de Prazeres, portanto já do lado de lá da Gardunha. Bom, é muito interessante, os romanos chamaram-lhe um Dolium. Dolium claro que vem de olium, olium era a maneira romana de dizer azeite, é curioso a árvore que dá o azeite continua-se a chamar oliveira, mas azeite vem do árabe, não se diz oliva, diz-se azeitona, azeitona. Este pote do azeite, portanto olium, o olium tinha azeite concerteza, revela-nos que o cultivo da azeitona e a recolha do azeite já era uma das formas da

agricultura romana. É uma peça muito semelhante a vasos para recolher o azeite que eu ainda vi na minha infância. Há aqui muitas outras coisas romanas.

Estes três vasos magníficos, são magníficos, apareceram num poço, num poço romano, que depois foi sendo entulhado, e quando se escavou apareceram estes três vasos e estão aqui por oferta da viúva da pessoa que os possuía e que deu um bom exemplo, e o museu cumpriu a sua missão. Hoje apresenta em lugar de honra e fazem muitíssimo bem. Aqui vêem a extraordinária colecção de lápides epigrafadas romanas recolhidas pelo Dr. José Alves Monteiro. Algumas são muito importantes, muito importantes para a história da região. Eu só queria falar-lhes num caso que me parece simbólico aqui da terra, são duas aras, elas não estão cá, mas o Museu tem uma rica colecção de publicações e estão aqui as duas aras. Estas duas aras foram mandadas esculpir pelo mesmo homem, que era um Tôngos, Tôngos, só sei isto, era Tôngos e era daqui, era daqui, daqui do Fundão, era daqui. E foi, partiu para a guerra, os romanos vinham aqui, serviam-se destes valentes homens e eram com eles que faziam as suas guerras, e ele aqui identifica-se como milis, milis quer dizer soldado, soldado e dedica a ara a uma deusa, Trebaruna que é a protectora do lar, do lar, portanto ele vai para a guerra, mas lembra-se do seu lar, do lar que vai abandonar e faz-lhe esta ara. Não sei quantos anos por lá andou, mas andou bastantes concerteza, porque era tão valente, voltou, é dos emigrantes que voltaram, voltou e fez, mandou fazer outra lápide. Agora já não é milis, já não é soldado, agora tem aqui o que ele é, é um signifer, o signifer é um porta estandarte, é o homem que vai à frente, é o homem, o primeiro no combate, o primeiro a atirar-se ao inimigo, é o chefe daquela turma de soldados, o signifer. A palavra ficou depois na Idade Média portuguesa, o signifer era o comandante das tropas reais. Bom, e portanto o signifer que volta à sua terra, depois de ter encontrado o êxito, e a promoção, e a glória, para ser signifer, signifer era preciso ser um homem duma extrema valentia, duma extrema robustez. Se já não dedica à deusa do lar, à Trebaruna, não, agora é uma outra deusa, à deusa Vitória, este homem nasceu aqui, andou por lá, ficou vitorioso e volta à sua terra para erguer uma lápide à deusa Vitória. Eu acho isto muito importante, porque há muitos milhares, muitos milhares de pessoas aqui do concelho do Fundão que podiam contar uma história igual à do Tôngos, nasceram aqui, andaram por longe, regressaram, e podiam ter erguido aras à deusa Vitória. Aliás isto é uma grande terra de emigrantes, metade das casas que se vêm por ai nessas aldeias são de emigrantes. A esta hora sei e conheço alguns, olhem até do meu sangue, que estão longe, longe a pensar na sua terra e a pensar se um dia poderão voltar como o Tôngos fez.

Penso portanto que os fundanenses e as suas autoridades estão no melhor caminho quando estão a dar uma grande ênfase aos aspectos culturais aqui na cidade do Fundão. Este edifício em que lhes estou a falar é um símbolo, eu conheço há muito anos, desde pequenino que isto existia. Aliás isto era uma grande fábrica de moagem, foi fundada em 1921, tinha eu quase acabado de nascer, fazia-se farinha, fazia-se o pão, depois isto, enfim, as coisas mudaram, e a fábrica fechou, faliu, creio em que oitenta e tantos, o prédio ficou para aqui abandonado. A câmara comprou-o, e agora transformou-o num centro cultural, não é uma escola, uma escola é um sítio de aprender e um sítio de ensinar, isto não é um sítio de ensinar, é um sítio de descobrir, vêm os grupos, têm aqui as suas actividades, inventam aqui o seu teatro, a sua literatura, as suas imaginações, é realmente uma escola activa como todas deviam ser. Aliás a Câmara tem-se tornado notável, tudo o que tenho na minha frente são livros editados pela Câmara Municipal ou com o apoio da Câmara Municipal. Olhem, tenho aqui um sobre o convento de Nossa Senhora do Seixo, é uma coisa que eu sempre que venho ao Fundão vou lá, é realmente uma ruína ilustre, uma

ruína muito ilustre que hoje está no último estado de degradação. Mas eu vejo tudo quanto se refere à cultura estar a andar tanto em frente que ainda me não abandonou a esperança de poder cá voltar e ver também recuperado o que resta daquele convento ilustre. São publicações, tenho aqui um que acho realmente “Monte de S. Brás, a persistência do passado na identidade”. Bom, quer isto dizer que os fundanenses de outrora ainda, ainda têm a ver, ainda modelam a alma e a personalidade dos presentes, e aqui tem, aqui tem as duas aras do tal fundanense que saio daqui soldado e voltou já comandante signifer, aqui é dedicada aos lares dos quais se despedia, aqui à vitória com a qual regressava. Eu penso que estas duas pedras que por enquanto estão no Museu de Lisboa deviam voltar ao Fundão que agora tem todas as condições de segurança, e de certo modo este é o emblema do Fundão, o fundanense que parte, é um pobre soldado que luta sem se resignar, e quando volta, volta como vencedor.

---

**Videofono - IMAGEM, SOME EDIÇÃO, LDA - Av. João Crisóstomo, 39 - 1º**  
**1050-125 Lisboa / Telefones: 21 314 19 92 - 21 314 00 53 / Fax: 21 314 00 43**